

BULIRÊ

A ORIGEM DOS ALIMENTOS



Ariabo Kezo

BOLORÊ

A ORIGEM DOS ALIMENTOS

lestra

EDITORA
Maria Sílvia Cintra Martins

AUTOR
Luciano Ariabo Kezo

ILUSTRAÇÕES
Luciano Ariabo Kezo

AQUARELAS E ARTE FINAL
Eld Johonny
Pedro Alberto Ribeiro Pinto

CAPA

REVISÃO
Eld Johonny
Pedro Alberto Ribeiro Pinto

FICHA CATALOGRÁFICA

KEZO, Luciano Ariabo

Boloriê: A origem dos Alimentos / Luciano Ariabo Kezo
Ilustrações Luciano Ariabo Kezo / Aquarelas Eld Johonny.
São Carlos, SP : LEETRA, 2015

ISBN 978-85-917532-7-7

I. Literatura infantojuvenil II. Literatura indígena

BOLORIÊ

A ORIGEM DOS ALIMENTOS

leetra
laboratório

Agradeço primeiramente a Haypuku, o grande espírito, que nos abençoa e nos cuida todos os dias, dedico essa produção à minha esposa, Alana, que sempre me apoia nas minhas frequentes batalhas, agradeço aos meus pequenos guerreiros, Gabriel Vitor e Isabelly Ine, por me inspirarem e fazerem mais feliz, dedico à minha Imakô, otô paré (guerreira valente), que me trouxe ao mundo e que me auxiliou na minha caminhada e em minha formação enquanto julá paré, guerreiro valente. Agradeço também à professora Maria Sílvia C. Martins, que tem sido uma grande parceira e apoiadora desta e de outras produções.

HISTÓRICO DO POVO BALATIPONÉ

O povo Balatiponé, muito conhecido como Umutina, da Terra indígena Umutina, está localizado próximo ao município de Barra do Bugres, Estado de Mato Grosso. O povo Balatiponé está numa fase de saber ainda mais sobre si mesmo, de mergulhar em sua própria raiz ancestral. Os mais velhos são as pessoas que detêm as informações relacionadas a nossa origem, portanto, cada um deles representa uma biblioteca enquanto vivos, se forem encontrar com os nossos antepassados são muitos os registros que partiram com os mesmos, neste sentido, os mais jovens recorrem aos anciãos quando desejam adquirir mais informações e o objetivo é multiplicá-las para que não corra o risco de se perderem.

Houve uma época em que os Balatiponé foram dizimados quase totalmente, restando somente 23 guerreiros até a década de 1940. Esse processo drástico decorreu do contato com os não indígenas, extrativistas e posseiros, além disso, ao manterem contato, mesmo que de forma amistosa, os Balatiponé adquiriram doenças epidemológicas que em 1919 se alastraram e poucos sobreviveram a esse impacto. Com a despovoação, surgiu também a baixa testima influenciando diretamente nas práticas tradicionais. Em torno de 1940, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), atual Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que coordenava a reserva, concluiu que deveria levar indígenas de outros povos para viverem no território dos Balatiponé, constituírem famílias com os remanescentes para assim garantirem o território que se encontrava ainda mais suscetível a invasões. Com essa junção, no âmbito social não era possível estabelecer diálogo em outro idioma que não fosse o português, já que, por pertencerem a origens diferentes, os indígenas que se deslocaram para a terra Balatiponé não entendiam o idioma local, nem podiam ser compreendidos.

Por estarem em pequeno número, essa situação conduziu ao adormecimento de algumas práticas típicas do povo Balatiponé, como danças, cantos, as próprias cerimônias sagradas, e outras foram se mesclando às que chegaram. O idioma não era ou era pouco praticado no espaço social, mas na esfera familiar algumas famílias o mantinham.

Houve um momento em que todos, independentemente de sua origem, sentiram a necessidade de se identificarem como os Balatiponé por estarem no território desse povo. Em torno do ano de 2000, foi pensada por um líder do povo, Valdomiro Kalomizoré, uma forma de aprofundar ainda mais na identidade dessa população que quase desapareceu. A iniciativa consistiu em organizar um grupo de jovens da comunidade para explorarem os mais velhos com relação aos seus saberes. Um desses anciãos, importante colaborador, foi o Julá Paré, o mais velho do povo e legítimo guerreiro Balatiponé.

Já se tem recuperado muito dos saberes originários, o idioma, as danças, os cantos, os grafismos corporais, artesanatos, vestimentas típicas, entre outros. Temos uma escola (Julá Paré) do Ensino Fundamental ao Ensino Médio na aldeia Umutina, em homenagem ao ancião Julá Paré, outra do Ensino Fundamental na aldeia Bakalana, a escola Bakalana, que consideramos um instrumento potente para o fortalecimento de nossa ancestralidade, e essa é uma das principais funções dessas instituições dentro do povo. As narrativas estão incluídas como parte do patrimônio imaterial de nosso povo para o qual buscamos a revalorização, e será aqui apresentada uma das versões que trata da origem dos alimentos.

De nenhuma maneira, a versão a ser apresentada aqui se sobrepõe às outras, ao contrário, respeitamos e consideramos todas. É honroso e enriquecedor partilhar este saber tanto com as pessoas que pertencem ao povo, quanto com aquelas que não pertencem. Esta produção tem como finalidade a disseminação de elementos culturais e históricos do povo Balatiponé, de sua resistência e seu êxito perante uma fase de desolação, pois se não fosse a manutenção dos conhecimentos por parte dos mais velhos eu, como filho desse povo, não poderia aproveitar tanto esta oportunidade de transpô-los aqui, não o faria porque não teria do que tratar.

Reverencio os guerreiros Julá Paré, Kupudonepá, Apudonepá, Ariabô, Boroponepá, Amajunepá, Wakixinepá e Soripa, esses são os guerreiros remanescentes, hoje se tornaram nomes de grandes famílias que lutam para o fortalecimento da cultura Balatiponé.

Ofereço este feito a todo povo Balatiponé, em especial à aldeia Bakalana (Garça Branca).

[illegible][illegible]

Quando os primeiros habitantes do mundo, os boloriê¹, caminhavam sobre a terra, havia uma mulher que desejava muito conceber um bebê, e como seu desejo não se realizava, ela se deprimia. Também achava que não tinha a atenção e o carinho do seu marido, o que aumentava ainda mais a sua dor.

¹ Boloriê: nome dado pelos Balatiponé aos antepassados da humanidade



Nos momentos em que se encontrava só, o sofrimento lhe abraçava com mais força. Chorando, ela pedia ao Criador, Haypuku², para que enviasse a ela uma abiolô³ para alegrar o seu coração e salvá-la de tamanha solidão e desprezo.



² Haypuku: nome próprio do Criador do mundo

³ Abiolô: criança no geral

Todos os dias, o marido saía logo após o sol nascer e retornava só a tardezinha. Então numa manhã a sofrida mulher resolveu descer às margens frescas do pequeno rio, que ficava bem próximo de sua morada. Lá brincou com a água enquanto pensava sobre a vida, e o rio parecia transferir sua calma a ela.

De repente, ela percebeu que um cardume de tiporí⁴ também brincava próximo a ela. Olhando com mais atenção para os haré⁵, ela se sentiu atraída pela beleza de um deles e soube que esse tiporí era diferente dos outros.

4 Tiporí: uma espécie de lambari, peixe.

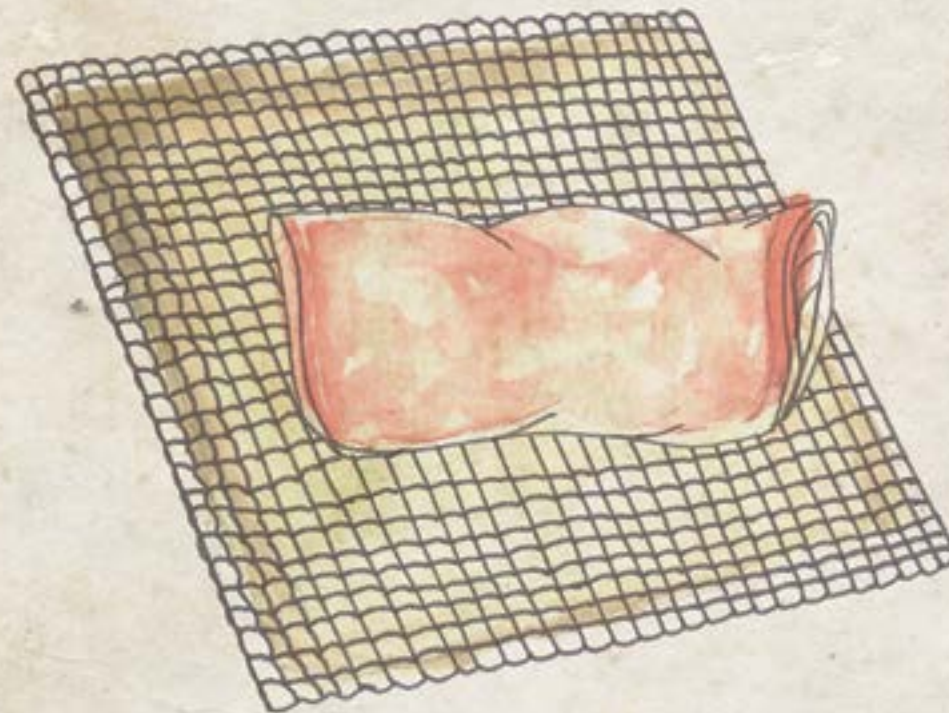
5 Haré: peixe no geral



Estendendo suas mãos, a mulher conseguiu ter o tiporí sob o seu domínio. Depois de contemplá-lo por algum tempo, ela decidiu levá-lo embora embrulhado numa pupurina, um tipo de esteira sagrada.



Já em casa, deixou a pupurina num cantinho, e logo em seguida foi realizar seus afazeres. Depois de algum tempo, a mulher se lembrou do pequeno haré.



Ao retornar para vê-lo, ela se surpreendeu: a esteira tinha tomado volume, e ao desembrulhá-la, se deparou com o presente que mais pedia a Haypuku. Um bebê começou a chorar. Ela o pegou no colo e de súbito as lágrimas que rolavam da sua face molhavam a pele do mais novo integrante da família.



Foi então preparada uma festa de batismo para o filho. Nessa festa é de costume os mixina⁶ ou as mixotó⁷ comporem cantos de recepção ao mundo para os recém-nascidos e, durante o canto, já apresentarem o nome da criança. Ariamunú era o nome do pequeno julá paré⁸.

⁶ Mixina: ancião

⁷ Mixotô: anciã

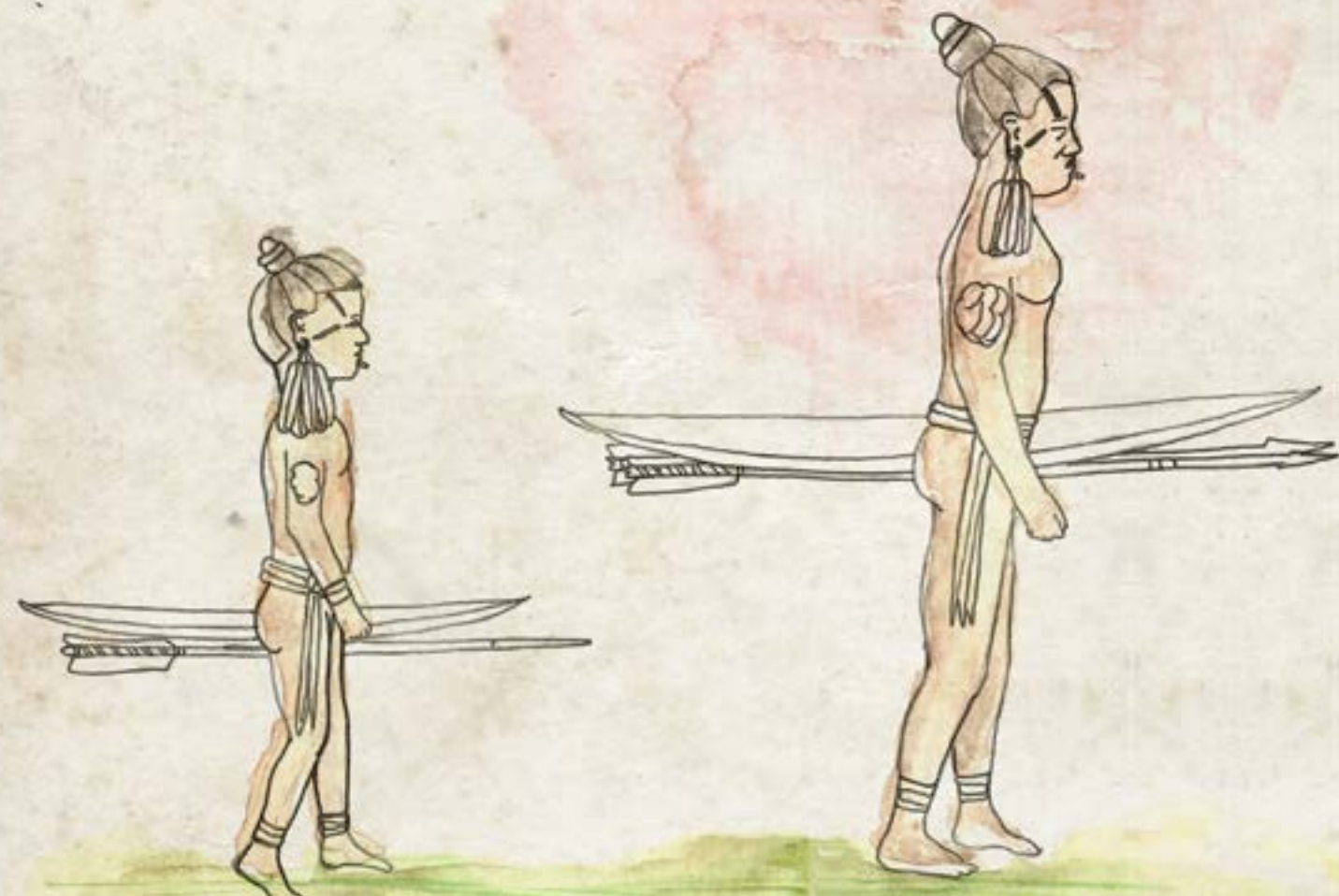
⁸ Julá paré: guerreiro valente, também é usado como nome próprio



O tempo, que nunca para, levou consigo a infância de Ariamunú. O guerreirinho ganhava estatura física, e havia chegado a hora dele conquistar seu segundo nome.



Quando chega uma determinada idade, todos os meninos têm que enfrentar um desafio para conquistar o segundo nome. Os desafios mais comuns são caçar ou pescar algo, sempre sob o olhar dos mixina, e o nome que os meninos ganham é relacionado ao desafio que eles superaram. No entanto, apesar da dificuldade, essa é a fase que todos os meninos esperam, pois quem vence é visto com outro olhar pelo povo.



Para Ariamunú conseguir realizar o desafio, ele teria que ter o auxílio de seu pai, pois teria que aprender com ele algumas técnicas de ixó⁹ boiká¹⁰, prática comum entre as famílias. Esse costume se adquiria naturalmente por parte dos jovens, desde que o pai saísse na companhia do filho.

Mas havia um problema. O pai de Ariamunú não dava a ele a atenção necessária, deixando de levá-lo para suas pescas e caças, o que dificultava o aprendizado do menino.

⁹ Ixó: flecha
¹⁰ Boiká: arco

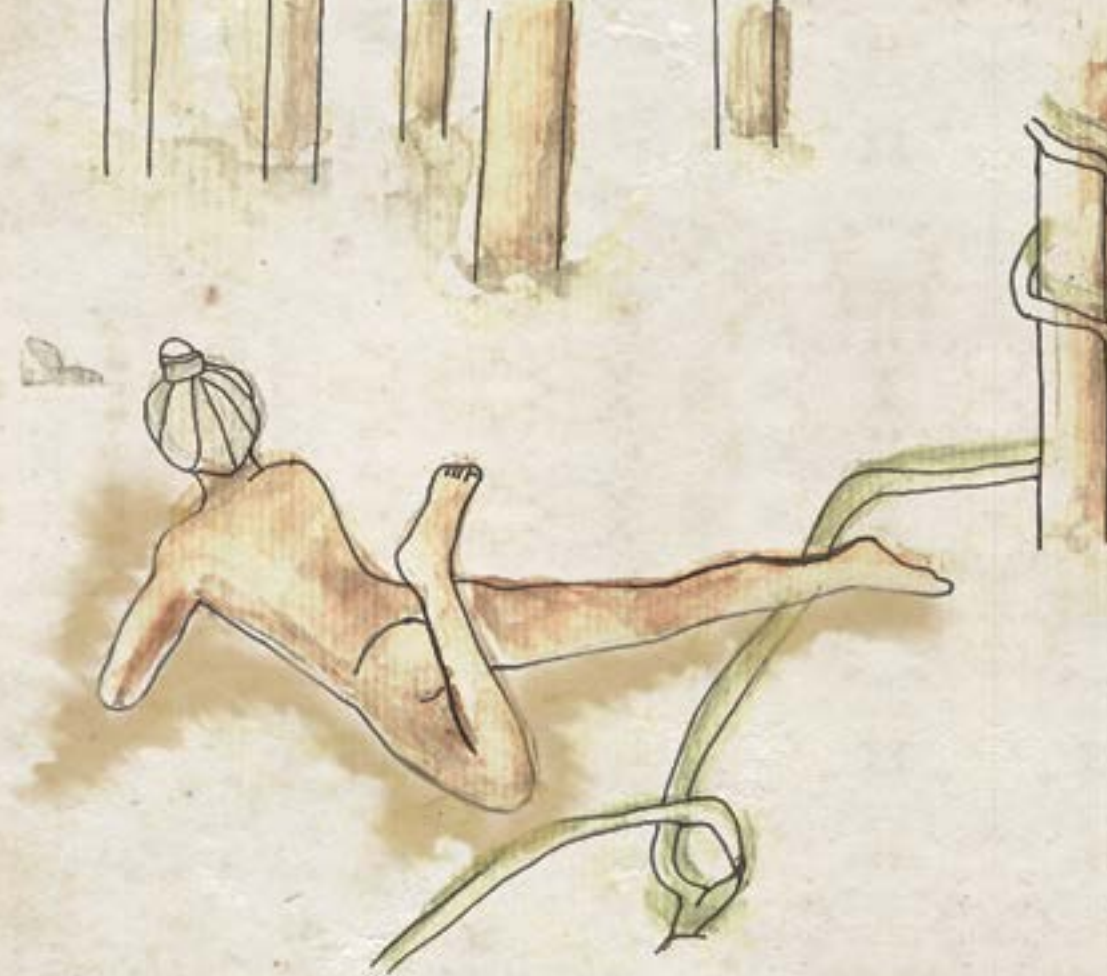


Um dia, em uma das saídas do pai, Ariamunú resolveu segui-lo. Como o jovem guerreiro não tinha desenvoltura para andar pela mata tão rapidamente, o pai o deixou para trás. Ao apressar o passo para tentar alcançá-lo, o menino tropeçou em um cipó e caiu.

Ariamunú gritou:

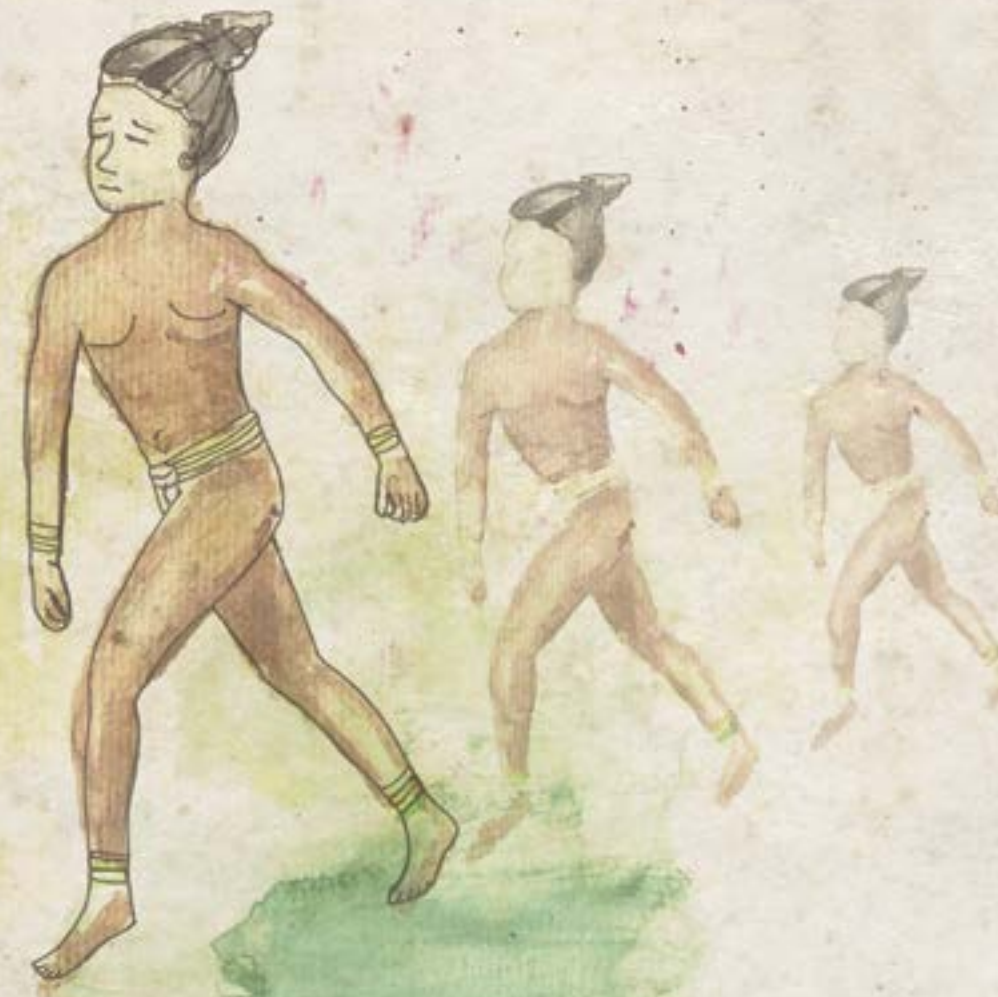
– Iyokô, iyokô¹¹!

¹¹ Iyokô: meu pai, a letra i tem a função do pronome possessivo, meu.



O homem seguiu fingindo não ter ouvido e sumiu na mata. Muito revoltado com o descaso do pai, o filho se levantou e voltou correndo para a sua xipá¹². Ele reclamou para sua mãe sobre a relação com seu pai, e ela então notou que seu Ariamunú sofria muito.

¹² Xipá: casa comum, pois há outros termos para designam outros tipos de casa



Para acalmar o filho, a imakô¹³ resolveu contar-lhe sobre seu surgimento, imaginando que aquilo iria justificar o modo como o marido tratava o jovem e que de algum modo tudo iria ficar bem. Mas, infelizmente, isso somente agravou a revolta de Ariamunú, que não aceitou aquilo como algo normal.

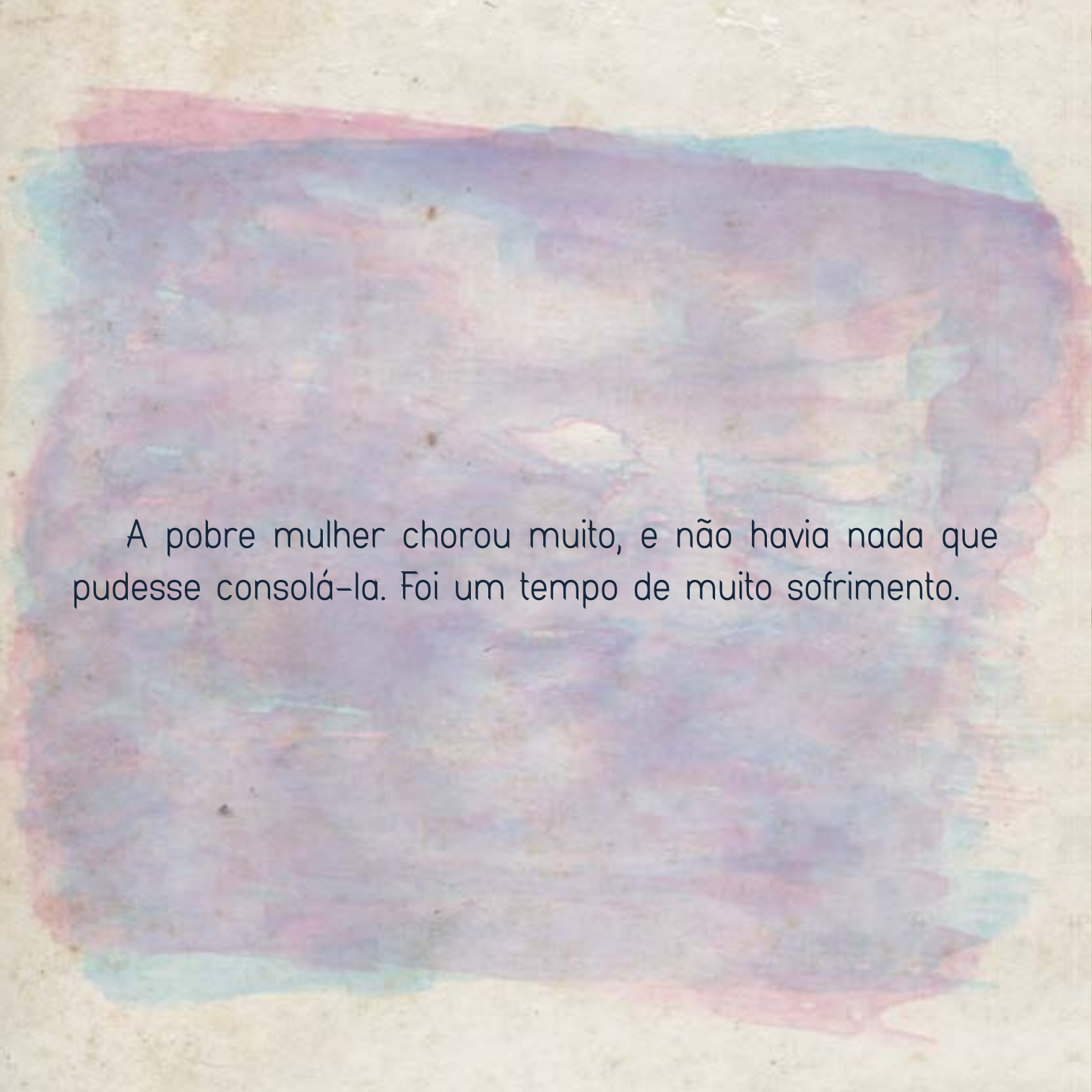
¹³ Imakô: quer dizer minha



Após a discussão, o menino correu para fora e encontrou uma enorme árvore. Ele subiu nela, e de lá de cima pulou, batendo sua cabeça num toco de madeira.

Para o desespero de sua mãe,
Ariamunú morreu.





A pobre mulher chorou muito, e não havia nada que
pudesse consolá-la. Foi um tempo de muito sofrimento.



Quando um ente querido se vai, dentro do povoado é feito um ritual fúnebre por vários dias. Os mais velhos compõem uma canção muito longa que relata a história da pessoa que faleceu.

E foi justamente isso que aconteceu com Ariamunú.



Há um momento em que tudo cessa, e é quando o povo acredita que está na hora de sepultar o corpo no local onde habitava, todo embrulhado em uma enorme esteira. A casa em que o ente vivia é queimada com todos os seus pertences dentro, e a família não guarda nenhum objeto como recordação

Depois do sepultamento a família se muda. Instalam outra casa distante da anterior, mas de quando em quando retornam para chorar sobre o túmulo durante algum tempo, até cessar de vez. Mas somente a mãe retornava para ver Ariamunú.



Passaram-se vários dias até a mãe visitar o túmulo novamente. Ao chegar, ela se deparou com as plantas, que estavam muito maiores. Estranhou o fato delas estarem logo na sepultura de seu querido filho, e percebeu que eram vegetais que ela nunca tinha visto antes.

A mãe resolveu investigar aquilo, e então descobriu que dos olhos de Ariamunú havia brotado uma planta que ela denominou dumadaká¹⁴, de seus braços e pernas surgiram outras a que chamou de hutuyô¹⁵ e bodokwá¹⁶ e, por último, dos testículos nasceu uma a qual nomeou balakupú¹⁷.

¹⁴ Dumadaká ou Lumadaká: feijão fava

¹⁵ Hutuyô: mandioca

¹⁶ Bodokwá: pimenta

¹⁷ Balakupú: batata doce



Ao preparar os vegetais, ela se deliciou com seu sabor e reproduziu a plantação. Passou então a oferecê-los para as pessoas do povo, que também aprovaram os alimentos



Certo dia, ela retornou ao rio, no mesmo local em que encontrou o tiporí. Sentou-se como da outra vez e, ao refletir, concluiu que Ariamunú nunca havia de fato ido embora.

O amor daquela mulher por seu filho era tão grande que foi capaz de mantê-lo vivo para sempre. Até hoje, Ariamunú habita o mundo e alimenta a humanidade



五十五

五十五

A origem dos alimentos é uma das muitas histórias milenares do nosso povo Balatiponé, que nos leva a saber sobre os nossos antepassados, os Boloriê. Essas histórias são um dos elementos que nos fazem viajar em outro mundo, um mundo antigo e especial, na época em que todos os animais eram pessoas e falavam como nós falamos, num momento em que muitas coisas que existem hoje ainda estavam surgindo, uma dessas coisas são os alimentos. Todo esse saber é repassado pelos anciãos, que em nossa língua chamamos de mixina, quando queremos designar ancião, e mixotó para designar a anciã.

Quando eu era abiolô eu dormia com a minha imako mixotó. Pouco antes de eu dormir, de fato, ela tinha o costume de contar histórias ou cantar para mim, sem a utilização de livros, músicas gravadas em CDs ou em pen drive, mas histórias e músicas que estavam registradas em sua memória. Esse momento, antes de dormir, é uma das ocasiões em que nós, enquanto crianças, absorvemos bastantes informações, a ponto de sonharmos com o que ouvimos.

Creio que esse costume não é específico dos Balatiponé, que muitos avós e pais o praticam com os seus abiolô, também tenho certeza que as crianças, quando ouvem, se encantam e viajam nas histórias, assim como eu viajava, e agora minhas crianças viajam.

Espero que a história que aqui partilhei, em forma de livro, sirva de inspiração para outras histórias, que esta seja lida por muitos adultos, e seja contada para muitas crianças, fortalecendo ainda mais o vínculo entre a família.

Como dito, a história também tem uma função pedagógica, de nos fazer lembrar e aprender muitas coisas. Aproveitando essa função e o conteúdo da narrativa, serão traduzidas em Balatiponé as palavras que foram apresentadas ao longo da história para que aqueles que nunca tiveram contato com nossa língua possam saber um pouquinho:

Abiolô kuriká

Bebê

Abiolô

Criança

Abiolô

Flho

Adiondó

Filha

Alátotú

Contar histórias

Ayulá

Ninar

Balákupu

Batata doce

Balatiponé

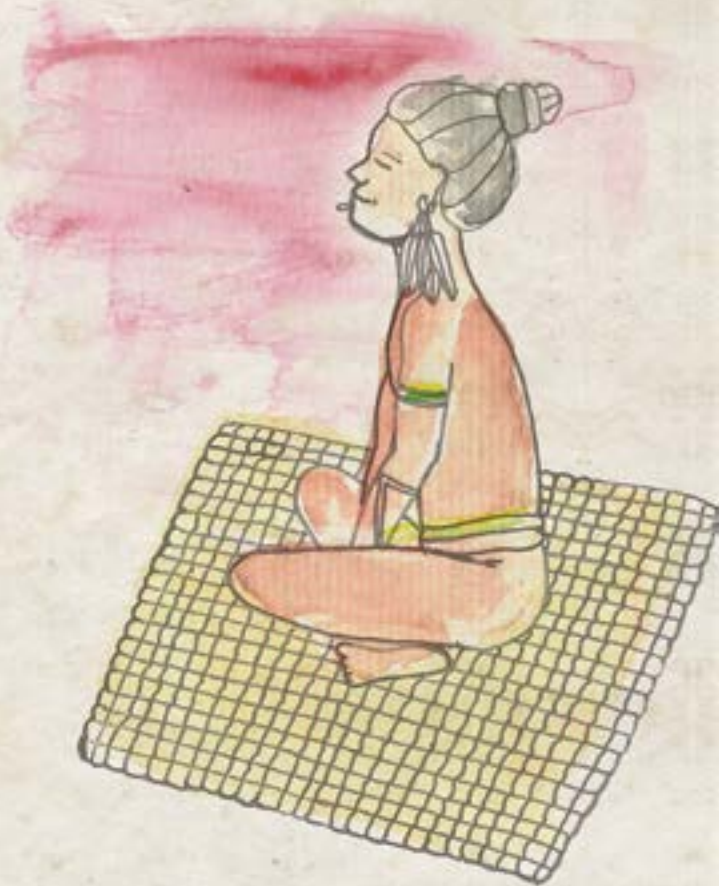
Povo antigo

Bodokwá

Pimenta

Boiká

Arco





Boikú

Corda do arco

Dumadaká

Feijão

Haré

Peixe

Hutuyô

Mandioca

Imako mixotó

Mãe mais velha ou avó

Imakô

Mãe

Inyanzó

Árvore

Ixó

Flecha

Ixulá

Mata

Iyoko mixina

Meu pai mais velho ou avô

Maxalá

Antigamente

Mení

Sol

Mixina

Ancião

Mixotó

Anciã

Motô

Terra

Noí

Palmeira babaçu

O'hebutá

Originar-se

Óri

Dor

Otô

Mulher ou guerreira

Pó

Rio

Purpurina

Esteira de palha

Puyámu

Todos os dias

Tiporí

Lambarí

Uapú

Coração

Xipá

Casa

Yokô

Pai

Zámburú

Brincar

Zapá

Gostar

Zári

Casa de festa



Boloriê: a origem dos alimentos é uma bela narrativa oral, milenar, típica do povo indígena Balatiponé, que conta de forma bastante criativa como se deu o processo de surgimento dos alimentos. A história começa numa aldeia dos Boloriê, os primeiros habitantes da humanidade. Uma mulher que se sentia muito solitária e desprezada pelo seu marido sofria por não poder dar à luz a um bebê, mas ela confiava na força do Criador, Haypuku, o ser que podia dar à guerreira o presente que ela mais desejava.

Paykuripiá!
Saudações!